



kapiiuara

ISSN 2676-0398

ACADEMIA CONVIDA PARA PROSA

O prefeito de Rio Preto
Edinho Araújo em tarde
cultural napolitana

ACADEMIA CONVIDA PARA ARTES

O vasto manancial
do talentoso artista
Carlos Bacchi

ACADEMIA CONVIDA PARA POESIA

A provocante
poesia de
Elisio Faria

NESTA EDIÇÃO

- Alberto Bianchi
- Angelo Soares Neto
- Araguai Garcia
- Cleber J. Falquete
- Elma Eneida B. Mendes
- Eudes Junior
- Isabel P. Hernandez
- Loreni F. Gutierrez
- Nidia Puig V. Tezine
- Patrícia R. Buzzini
- Paulo Cesar Naoum
- Pérsio L. Marconi
- Romildo Sant'Anna
- Rosalie Gallo
- Samir Felício Barcha
- Vera P. Milanese
- Wilson Daher



Expediente

Copyright © by Editora In House, 2022

Elaboração da ficha catalográfica Editoração e acabamento
Gildenir Carolino Santos Editora In House
(Bibliotecário)

Revisão Imagens e fotos
Nídia Puig Vacare / Pérsio Marconi www.freepik.com
Rosalie Gallo y Sanches Acervos históricos

Catálogo Internacional na Publicação (CIP)
Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

Kapiiuara [recurso eletrônico]. – v.1, n.1 (2016-). – São José do Rio Preto: ARLEC - Academia Rio-pretense de Letras e Cultura, 2016-1 recurso online: il.

Periodicidade semestral.
Revista Literária e Cultural da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura.
e-ISSN 2676-0398.
Disponível apenas online.

1. Contos brasileiros – Periódicos. 2. Prosa brasileira – Periódicos.
3. Cultura – Periódicos. 4. Literatura brasileira – Periódicos.
I. Academia Rio-pretense de Letras e Cultura.

P21-002

CDD – B869.05



Publicação semestral
on-line da **ARLEC -
Academia Rio-pretense
de Letras e Cultura.**

End.: Praça Jornalista Leonardo
Gomes, 01 - Centro
Centro Cultural Professor
Daud Jorge Simão
São José do Rio Preto - SP
CEP: 15061-010

E-mail: arlecriopreto@gmail.com

Site: www.arlec.com.br

Siga-nos nas redes sociais

Jornalista responsável /Revisão gramatical:

Cecília Demian - MTB 39.119

Projeto gráfico: **Márcio Martelli**

Edição: **Editora In House**
|| 99903-7599



Presidente:

Alberto Gabriel Bianchi

1º Vice-presidente:

Rosalie Gallo y Sanches

2º Vice-presidente:

José Luiz Balthazar Jacob

1º Secretária:

Loreni Fernandes Gutierrez

2º Secretária:

Maria Helena Curti

1º Tesoureiro:

Antonio Florido

Diretor Cultural:

Araguai Garcia

Diretor de Patrimônio:

Lelé Arantes

Conselho Fiscal:

Norma Vilar

Jocelino Soares

Vera Márcia P. Milanese

Conselho Editorial:

Nídia Puig Vacari

Pérsio Marconi

Rosalie Gallo y Sanches

Sumário

ACADEMIA CONVIDA PARA PROSA

Edinho Araújo

NUMA TARDE DE DOMINGO, UM INSTANTE CULTURAL 5

ACADEMIA CONVIDA PARA POESIA

A poesia de Elisio Faria 8

VELHA INFÂNCIA 9

ACADEMIA CONVIDA PARA ARTE

CARLOS BACHI 10

Alberto Gabriel Bianchi

AMOR POR VIVER 12

Pérsio L. Marconi

SE ENCONTRAR UM URSO, NÃO SE MEXA 14

Elma Eneida Bassan Mendes

O CAMINHO E O DOM DE VIVER 16

Loreni Fernandes Gutierrez

A LUA NOS OLHOS DE SOFIA 18

Angelo Soares Neto

POUCAS PALAVRAS 20

CAMINHADA 20

QUINTO POEMA PARA A MULHER AMADA 21

SILÊNCIO 21

Nidia Puig Vacare Tezine

GIRANTE 22

SER HEI 22

ALFAIAS 23

NIDO 23

A obra de arte da capa na revista
Kapiiuara nº 08 é de autoria do artista plástico
JOCELINO SOARES.

Patrícia Reis Buzzini

SEGUIMOS JUNTOS 24

SOPA QUENTE 24

KOMOIDIA 25

Cleber Junio Falquete 26

Loreni Fernandes Gutierrez

A UM SOL AMIGO E TÃO ANTIGO 28

Vera Paraboli Milanese

CHORO 30

MEDITAÇÃO 30

OFÍCIO DE POETA 31

Rosalie Gallo y Sanches

O LIVRO – OBJETO DE DESEJO E PRESTÍGIO 32

Romildo Sant'Anna

DOM QUIXOTE E OS PODEROSOS 34

Wilson Daher

GUIMARÃES ROSA: EXCERTOS 36

Eudes Quintino de Oliveira Junior

UM LAMPEJO EPIFÂNICO (POST CORONAVÍRUS) 38

Paulo Cesar Naoum

A EVOLUÇÃO HUMANA EXPLICA A COVID-19 40

Isabel Pimenta Hernandez

CONVITE AO DIÁLOGO 42

Samir Felício Barcha

O RIO NÃO SECOU, POR QUÊ? 44

Araguai Garcia

VERDADEIRA TRADUÇÃO 46



*A vida é sempre a mesma para todos:
rede de ilusões e desenganos.
O quadro é único, a moldura é que é diferente.*

Florabela Espanca

Editorial

Novos tempos se aproximam após um período que ainda vivemos de instabilidade pandêmica. O que mais me anima é o fato da arte não ter dado trégua e prosseguido firme e forte, mesmo quando tudo indicava que o caos dificultaria ainda mais esse frágil setor de nossa sociedade.

Mas a arte, assim como vida, sempre encontra um jeito e trilha seu caminho retratando tudo o que acontece ao seu redor.

Assim é esta edição de **Kapiiuara**, repleta de textos que refletem sobre a importância da arte em nossas vidas.

Em *Academia convida para a: prosa* temos o prefeito de Rio Preto, Edinho Araújo, e sua tarde de domingo em um concerto napolitano; *poesia*: Elisio Faria e a memória da infância retratada em forma de poema; *arte*: Carlos Bachi e seu manancial de talento.

Não bastasse, o presidente da ARLEC, Alberto Gabriel Bianchi, expõe todo o seu lirismo na linda crônica que é uma ode à vida e ao amor.

Ainda em crônicas encontraremos a aventura de Pêrsio Marconi e o urso pardo. Dica: não se mexa! Encontrar o caminho e a trilha para bem viver é a mensagem de Eneida Bassan; já Loreni F. Gutierrez mistura fantasia e misticismo no luar presente no olhar da menina Sofia. Quanta poesia!

E poemas não faltam nesta edição: Angelo Soares, Nidia Puig V. Tezine, Patrícia R Buzzini, Cleber Junio Falquete, novamente Loreni e Vera P. Milanese exploram muito bem a alma humana com seus devaneios poéticos.

A seção de literatura muito bem representada pela mestre Rosalie Gallo que declara a sua paixão e desejo pelo livro; Romildo Sant'Anna e a obra **Dom Quixote**, seu objeto de estudo; e os excertos da obra de Guimarães Rosa comentadas por Wilson Daher. Recomendo!

O tema pandemia ainda faz parte da revista e Eudes Junior e Paulo Cesar Naoum o exploram magnificamente e propõem diálogos possíveis acerca do tema que é também o convite de Isabel P. Hernandez. Já Samir F. Barcha traz um assunto muito atual: a importância das águas subterrâneas.

E encerramos esta edição com a mais perfeita tradução da arte: as obras de Araguai Garcia. Ou seja, tem muito assunto para ver e ler.

E caso ainda não tenha baixado a **Kapiiuara**, publicamos nesta edição o QRCode de todas as revistas produzidas. É só apontar a câmera do seu celular e assistir, aproveitando tudo o que a revista proporciona a você.

Kapiiuare-se! E desfrute de excelentes momentos culturais!

Márcio Martelli

Escritor e editor / Membro da Academia Jundiáense de Letras



Academia convida para Prosa

Edinho Araújo
Prefeito de Rio Preto

Numa tarde de domingo, um instante cultural

A Dra. Rosalie Gallo y Sanches, nossa vice-presidente da ARLEC e eu, tivemos o prazer de participar de uma reunião com Dr. Edinho Araújo, prefeito de nossa cidade, para convidá-lo a participar no evento do aniversário da Academia.

*Na oportunidade oferecemos a ele um exemplar da mais recente edição de nossa revista **Kapiiuara**, que recebeu elogios pela qualidade, extensivos, os elogios, a nosso trabalho cultural, de modo geral.*

Aproveitamos então a oportunidade e o convidamos para participar da edição seguinte da revista (volume 8) com um texto, nas páginas de "A Academia convida para prosa".

*Edson Coelho Araújo, atual prefeito de nossa cidade, é advogado e ex-ministro-chefe da Secretaria Nacional de Portos do Brasil, deputado estadual e federal. Para nós, honrosa presença em nossa **Kapiiuara**.*

Alberto Gabriel Bianchi – Presidente
Cadeira nº 44

Emocionados, enlevados, assistimos Maria Elza e eu ao concerto napolitano promovido pelo Consulado Geral da Itália, num domingo à tarde, 22 de agosto. A convite da organizadora, a professora Rosalie Gallo, da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura (ARLEC), tivemos momentos de puro prazer pelo nível cultural deste evento que se encaminhou para Rio Preto depois de passar por grandes cidades paulistas.

Tais concertos são do projeto **A Caminho do Interior**, organizados pelo consulado da Itália. Em Rio Preto, a apresentação ocorreu na Academia de Ciência e Tecnologia, fundada e administrada



pelo cientista e pesquisador, o hematologista Paulo César Naoum e seu filho Flávio.

Na verdade, a ARLEC também foi convidada pelo Consulado Geral da Itália para este evento como presente de seu aniversário de fundação, gentileza do cônsul Fillippo La Rosa e da consulesa adjunta Livia Santullo. Rosalie esteve representando o Comitê (Comitadodegilitalianiall' Estero)

da circunscrição de São Paulo.

Com repertório de muito bom gosto, apresentaram-se naquela tarde a soprano Maria Sole Gallevi, belíssima cantora, e Flavio Lago ao piano. Nessa terceira edição, a atração percorreu oito

idades do Estado: São Paulo, Ribeirão Preto, Rio Preto, Jundiá, Taubaté, Santos, Itu e Piracicaba.

O percurso foi escolhido em homenagem aos antepassados italianos que no final de 1800 desembarcavam no porto de Santos depois de viagens marítimas sofridas, para compor as frentes de trabalho na lavoura, fugidos da guerra e da fome. Uma vez no porto santista, eram encaminhados para as lavouras do interior de São Paulo.

Hoje em nossa cidade a colônia italiana é magnificamente representada pelos seus descendentes nas mais variadas áreas do conhecimento, profissões, serviços, ensino, letras, artes, medicina, entre outras. É uma raça que faz parte de nossas raízes.

Por isso, fomos com ansiedade assistir a este espetáculo que se torna quase raro na modernidade, um flagrante da arte sem idade, que não morre jamais! Só temos a agradecer ao Consulado da Itália e à Academia Rio-pretense pelo seu papel de difusores de cultura, desejando que não esmoreçam nessa missão.

O **Concerto Napoletano** foi um deleite para nossos ouvidos, encheu nossos olhos de memórias saudosas, apresentando um repertório das mais belas músicas da antiga tradição da música napolitana. O objetivo da apresentação é dar novos conteúdos aos italianos presentes também no interior do estado, além de oferecer arte e cultura italiana a um público variado.

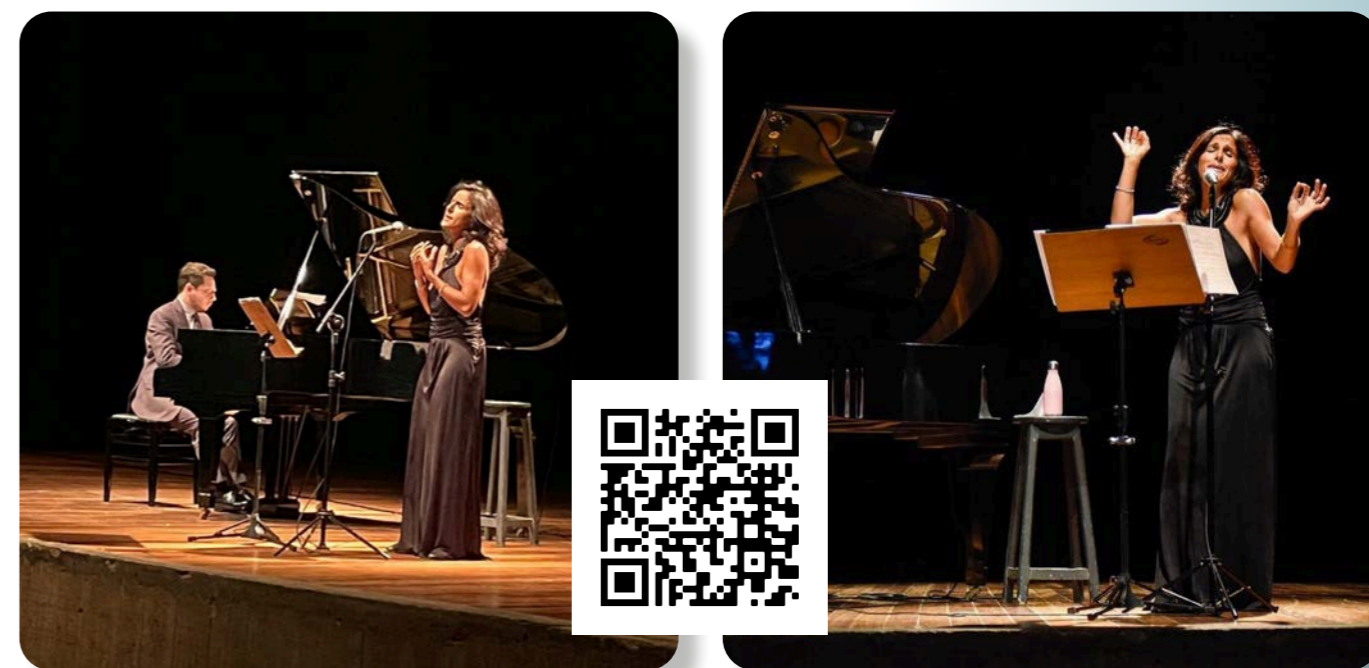
Lá encontramos pessoas de elevado nível cultural na plateia, muitos acadêmicos com seus pares, professores, artistas, autores, uma camada de intelectuais e artistas que não perdem estes instantes profundos de música e encanto (mesmo com o distanciamento preconizado pela saúde, o auditório foi preenchido). A alta expressão da cultura rio-pretense marcou presença naquela bela tarde. Oxalá a Academia promova novos eventos de tal magnitude, auxiliando os governantes a reforçar o calendário erudito do município.

Obrigado aos organizadores!
Vida longa à Academia!



Foto: divulgação

Alberto Gabriel Bianchi, Rosalie Gallo y Sanches, Alceu Germano Sestini - Agente Consular honorário da Itália em São José do Rio Preto, Filippo La Rosa - Cônsul Geral, Sra. Lívia Satullo Cônsul Adjunta, Edinho Araújo - prefeito municipal e Orlando Bolgone vice-prefeito.



Fotos: divulgação

Momentos do concerto. Aponte a câmera do seu celular e assista **A Caminho do Interior: Concerto Napoletano**



Evandro e o tenor Paulo Esper, produtor do espetáculo.



A solista Maria Sole e Evandro Oliva.



Waldner Lui e a soprano Maria Sole Gallevi.



Academia convida para

Poesia

A poesia de Elísio Faria

Nesta oitava edição da revista **Kapiiuara**, os leitores são presenteados com a provocante poesia do Prof. Elísio Vieira de Faria. Mestre e Doutor, diretor escolar, professor universitário, com uma longa e reconhecida carreira na área educacional, o escritor Elísio tem uma profícua produção literária em prosa e verso.

Percebeu-se educador muito cedo. Para seguir o sonho da profissão docente, cursou Letras e passou por todos os níveis de ensino, inclusive a atividade de formação e treinamento.

A escrita acadêmica sempre foi o foco de sua ação: um olhar sobre a prática e as políticas educativas. O tema tecnologia educacional foi alvo de sua produção.

Sua fala é para ser degustada, ele precisa falar. Participa, então, de inúmeras antologias e coletâneas de sucesso, como a do **Festival Literário de Paraty (2020)**. Com seus versos de profunda poeticidade, somos levados e enlevados a terras distantes e lugares mágicos.

Seus alunos e ex-alunos formam uma enorme rede de admiração pela sua maneira cativante de ensinar e orientar a todos os que têm a fortuna de tê-lo como educador.

Boa leitura e boa viagem a todos.

Prof. Pérsio L. Marconi
Cadeira nº 15



Velha infância

Elísio Vieira de Faria

Bordei com fios de ouro,
O brincar de meus dias.

No tempo do pouco ter,
Inventar era solvência!

Evoco com nostalgia,
Uma lata, vareta, cordão.

Atados formavam meu bilboquê,
Alçar, encaixar, celebrar!

Ah, o elefantinho da lata,
O extrato das jogadas!

Recordações dos toques,
Erros, acertos e latadas na cara!

Tudo vestia a bela infância:
Pedaços, tiras, carretéis de linha.

Com um bom toque de artesanão,
Dois eixos numa ripa: lá ia o ônibus!

E se brincava, fluía o fantástico,
Sem pilha nem aparato eletrônico!

Mundo inventivo dos bois em bucha,
Acolhedor aprisco com palitos de picolé!

Tudo aquilo aguçava a inventividade,
Marca registrada da velha infância!





Não me lembro mais quando o conheci. Lembro-me, primeiro, de ter ficado paralisada diante de esculturas que reaproveitavam galhos, ramos, coletas da natureza e ocupavam o espaço tridimensional com enorme criatividade. Lembro-me ainda que, quando o vi, pessoalmente, reconheci nele o amigo que já era. Conheci devagar sua longa trajetória que começa com a primeira graduação, em Educação Artística.

Atualmente é Coordenador de Museus junto à Secretaria Municipal de Cultura de São José do Rio Preto/SP. Já atuou, entretanto, como Curador em Salões de Arte e em exposições; foi diretor do Teatro Nelson Castro, e do Museu de Artes

Carlos Bachi

Rosalie Gallo y Sanches
Cadeira nº 29

NAÏF. Foi também responsável pela montagem do Museu da Revolução de 32 "MMDC - Antônio Santos Galante", Museu Histórico e Pedagógico Dom João VI, Museu de Arte Primitivista José Antônio da Silva e Museu de Arte NAÏF. Incluiu-se as Salas Cascatinha e Inhana, Cláudio Malagoli e Galeria Hudson Buck de Carvalho.

Entre as incontáveis obras criadas por Carlos Bachi, foram escolhidas por ele as presentes esculturas para representar o vasto manancial de um talentoso artista plástico que se esconde na modéstia, virtude dos grandes.

Rosalie Gallo y Sanches
Cadeira 29





Crônica

Amor por viver

Alberto Gabriel Bianchi

Cadeira nº 44

Amo a Deus, todos os seres humanos esparsos pela superfície da Terra e toda a natureza. Amo a beleza de viver e o doce sabor do querer.

Amo este mundo ainda cheio de mistérios, como os segredos de um monastério ou os assombros de um templo sagrado, por mim ainda não visitado. Amo a terra encantada por mim.

Tive uma infância alegre e cheia de carinho, uma adolescência plena de felicidade e aos poucos vou realizando todos os meus sonhos.

Neste mundo vetusto, ninguém vive mais feliz e sem susto do que eu e, a alegria que existe no meu peito transborda quanto mais o tempo passa. E no leito da estrada da minha vida, vou cantando alegremente. Queria que nesta terra todos se amassem sem guerra. Nos velhos tempos de venturas e desventuras, gritava ao mundo inteiro que viver é maravilhoso. Viver tendo um lar cheio de simplicidade e muito amor é algo venturoso.

Tenho no íntimo minha história para contar. Uma história de encantos e de alegria por todos os cantos. Sei que talvez seja um peregrino sonhador que vive a harmonia do sublime e desperta com poesias a flutuar no ar, para não sofrer as torturas do mundo e do olhar maligno daqueles que só nos querem magoar. Nasci em São Paulo e vivi minha infância em Pirangi. Sozinho, viajei pela vida lutando desesperado com a fé que nos dá o amor e a força do trabalho que nos dá todo valor.

Vivi a doçura e o amargor da vida. Vivi a dor e o prazer. Provei o doce e o amargo da vida. Senti todos os sabores e dissabores para que pudesse

valorizar e comparar as ações do ato de viver. Errei muito e aprendi. Por isso é que afirmo que fui feliz, tive os maiores prazeres possíveis e os vivi intensamente.

Morei na roça onde diziam que eu era capiau ou jacu. Lá fazia muitas peraltices, corria pelas matas atrás de uma fruta, mergulhava nos rios e riachos para me refrescar, via as aves revoando os céus no amanhecer e no entardecer levando o amor para povoar a mente do sertanejo. Depois fui para a pequena cidade e de lá voltei para a grande metrópole e com saudade de Pirangi muito sofri e nada contente, fiquei doente sem ter doença aparente. Era a saudade do sertão.

Fiz muita coisa boa pela vida: andei a cavalo em pelo, com focinheira e com "sorfete", pelas campinas. Montei em cavalo arreado e passeava pela cidade com todo cuidado. Andei de carroça, carroção de bois, de charrete, trole, bicicleta, trator, Ford 29, jardineira, caminhão e carrinho de rolimã. Andei de bonde, trem e ônibus urbano e de alto luxo. Naveguei de piroga, barco a remo e com motor, de lancha, iate e navio. Também viajei muito de avião.

Conheci rios, florestas, desertos, montanhas. Senti o frescor da Serra de Monte Alto, do Mar, da Mantiqueira, da Cantareira, dos Andes, dos Alpes Suíços e dos Apeninos, na Itália.

Dancei ao som de grandes orquestras no Clube de Pirangi, no Clube Fazendinha (bairro do Tremembé), no Palácio de Mármore, Pinheiros, Paulistano, Monte Líbano, Palestra, no Palácio de Versailles, Casa de Portugal, dancei em Viena,



Alemanha e em Roma e muitos outros lugares lindos. Dancei tango em Buenos Aires e samba na Alemanha. Dancei ao som das vitrolas nos bailinhos realizados nos fins de semana na casa de muitos amigos e amigas. Dancei ao som de violas, violão e ao som das sanfonas de 80 e 120

baixos em "terreirões" de café das fazendas.

Plantei muitas árvores, escrevi alguns livros, muitas poesias, tenho três filhos e quatro netos. Sinto-me plenamente realizado. Talvez queira ser aquilo que não sou. Talvez seja aquilo que não sei, mas ainda quero ser.

Se encontrar um urso, não se mexa

Pérsio L. Marconi

Cadeira nº 15



No início dos anos 1970, os intercâmbios de jovens começaram a se propagar pelo país, permitindo aos adolescentes usufruírem de experiências culturais internacionais até então inexistentes. Eram períodos de seis meses ou um ano oferecidos a rapazes e garotas entre 16 e 17 anos, que estivessem dispostos a viver em lares estrangeiros, passando a fazer parte da família que os hospedavam, frequentando escolas, viajando durante as férias escolares e participando da vida social, cultural e esportiva da comunidade para onde eram enviados.

Em uma época de telefonia precária, sem discagem direta internacional, já que os satélites de comunicação só foram implementados muito tempo depois, e que os correios demoravam até quinze dias para entregar uma simples carta, é possível imaginar quão corajosos esses jovens

foram, pioneiros de programas de intercâmbios culturais que hoje são corriqueiros e muito mais seguros. Mesmo assim, era o sonho de muitos, cuja intrepidez advinha da juventude destemida.

Assim, tendo sido inscrito, aprovado e selecionado, lá fui eu, para o longínquo estado do Oregon, na costa do Oceano Pacífico, região de clima extremamente frio nos Estados Unidos, tão diferente de meus dias de sol, treinos de natação e de judô, jogos de futebol e de vôlei.

A família que me hospedou (os *Hadleys*) foi extremamente hospitaleira, com um pai bonachão, com dois metros e cinco de altura, veterano da guerra do Vietnã (tinha sido um “Green Beret”, ou Boina Verde, tropa de elite do exército norte-americano), uma mãe engraçada e alegre, com 1,60m de altura e que, mesmo assim, tinha sido garota Playboy na juventude, coisa que eu somente sou-

be após mais de seis meses de convívio, um irmão de 15 anos e uma irmã de 13, que me receberam muito bem, além de dois cachorros e uma gata.

Eu frequentava a *Sam Barlow High School*, escola de ensino médio de alto conceito na região, com excelentes professores que, além da habilitação em suas áreas, também trabalhavam como professores da área esportiva no período pós-aulas. Deste modo, minha professora de Literatura Inglesa, Miss Guidry, era a treinadora de atletismo feminino. Meu professor de matemática, Mr. Barrow, era o meu professor de caratê, e assim por diante. Dediquei-me muito aos estudos e consegui uma bolsa escolar para a universidade, se desejasse (nossa equipe de voleibol sagrou-se campeã regional e todos os integrantes receberam o convite para estudar na universidade estadual). Declinei o convite, por já ter sido aprovado no vestibular de engenharia civil aqui no Brasil e, mais importante, minha então namorada, atual esposa, estava me esperando!

Nas férias de verão, em julho e agosto, meu irmão Phil e eu fizemos várias viagens, especialmente para acampar, atividade incentivada por pais e familiares. Deslocamo-nos, certa vez, até o Parque Nacional do *Mount Rainier*, no estado de Washington, próximo à cidade de Asford, região belíssima e com enormes florestas e bosques. Levamos mochilas, sacos de dormir, utensílios para cozinhar, botas impermeáveis e todo tipo de apetrecho para aquele tipo de aventura.

Na entrada do Parque, fomos entrevistados pelo chefe da Guarda Florestal (*Park Ranger*) e recebemos as orientações de praxe. O conselho mais sutil foi: “caso encontrem algum urso pardo, não se mexam!” Como assim, havia a possibilidade de nos depararmos com ursos? “Sim”, foi-nos dito. “Levem um apito cada um, e soprem com força caso se percam um do outro ou estejam em perigo”.

Minha mãe aqui no Brasil só soube desta minha aventura, horrorizada, muitos anos depois, quando narrei a história para minha filha.

Depois de dois dias de caminhada, que passamos explorando, pescando e aproveitando os dias quentes e noites frias na floresta, estávamos desapontados, pois não tínhamos visto nenhum urso.

Na terceira noite, exaustos, fizemos uma pequena fogueira e colocamos nossas mochilas em uma elevação do terreno, para que ficassem a salvo de formigas e outros insetos. No meio da noite, fui acordado por um barulho vindo da elevação, como se algo estivesse sendo rasgado. Ao me virar naquela direção, vi, estupefato, um enorme urso pardo (*grizzly bear*, em inglês, também chamado de urso cinzento), daqueles de cerca de 300 quilos e com mais de dois metros de altura, mexendo em nossas mochilas, à procura de comida, muito provavelmente. Paralisado de medo, tentei chamar meu irmão, que dormia profundamente, em vão. Nenhum som saía de minha garganta! Lembrei-me então do conselho – não se mexa! Procurei e encontrei em meu bolso, o apito, pensando que o som acordaria meu irmão e afugentaria o urso. Obviamente não consegui soprar o apito. O que se ouviu foi o som de um sopro, mas sem ser estridente, suficiente, entretanto, para atrair a atenção do urso. Este, então, virou-se em minha direção, ficou sobre as patas traseiras e emitiu um som parecido com o som que tinha saído do meu apito! Em seguida, embrenhou-se na mata, levando pacotes de bolachas que estavam na minha mochila, agora completamente rasgada pelas garras do animal. Somente depois de muito tempo consegui sair do saco de dormir, me levantar e acordar o irmão, que, a princípio não acreditou no ocorrido, até ver o estado da mochila.

Naquela época, ninguém carregava máquinas fotográficas em viagens de *camping*, obviamente. Minha narrativa, portanto, foi a base para que todos ficassem sabendo da aventura, inclusive o guarda florestal que tinha nos dado o conselho assustador.

Crônica

O caminho e o dom de viver

Elma Eneida Bassan Mendes

Cadeira nº 11



Nada representa mais a vida em movimento do que a palavra caminho. Todos temos um, já trilhamos vários. Escolhas canceladas pelo coração, razão. Outros, simplesmente se impõem a nós e, vida que segue, trechos bons ou ruins, é preciso percorrê-los e, tanto melhor se for com alegria, aprendizado e fé. A fé também é caminho. Uma direção de paz. Certeza de que a trilha terá menos ais, porquês e mais améns. Feito um dom a fé é lastro de ouro. Apura, refina e encanta essa experiência assombrosa que é a vida. Se entrelaçada com a gratidão, a dupla remove estranhezas e apruma o compasso

da alma. O eirado que nos cabe se torna tanto mais leve, suportável, adequado, justo. É mais ou menos um perfil: quem tem fé costuma ser grato. Principalmente aos cinco sentidos humanos, *experts* em fazer a existência encantadora. Meia dezena de bênçãos vindas de Deus para nossa plenitude terrena. Bom é tê-los como aliados. Zelar pelo que nos oferecem é tarefa a ser aprendida no percurso.

O olfato, caminho dos prazeres. Aromas que guardam segredos da cozinha, nos levam ao cheiro do lençol limpinho. Sentido que lembra a essência da pele, aquela impregnada do ama-

do, perfume. A visão, caminho de espetáculos. De tão intenso é evangelizador, "se teus olhos forem bons, todo teu corpo será pleno de luz." O paladar, sentido nobre, de regalos. Buscá-lo e apreciá-lo com sabedoria, condimentos e comedimento, e por que não, com disciplina e elegância, vale para o bem-estar, caminho de qualidade. É desafio e generosidade. A audição é dos sentidos para a eternidade. Ela nos enleva se o que buscamos são harmonias sublimes. Voz de filho, risada de neto e o estalo de um beijo bom são melodias entoadas por anjos. Sons que nos arrebata para o firmamento celeste. Como desabafou Olavo Bilac "há quem me julgue perdido, porque ando a ouvir estrelas. Só quem ama tem ouvido para ouvi-las e entendê-las..." Ouvir a voz de Deus também é benção dos sentidos. O melhor instante para captá-la sempre é no silêncio. Do quarto. Da alma. Do espírito.

E, finalmente, o tato. Texturas, espessuras. Contornos, curvas. Sobre a curva, beleza que enfeitiça todos os sentidos, o gênio Oscar Niemeyer foi definitivo:

*"Não é o angulo reto que me atrai.
Nem a linha reta, dura, inflexível,
criada pelo homem.*

O que me atrai é a curva livre e sensual. A curva que encontro nas montanhas do meu país, no curso sinuoso dos seus rios, nas nuvens do céu, no corpo da mulher amada.

*De curvas é feito todo o Universo.
O Universo curvo de Einstein."*

No tato estão ainda a maciez e o rígido. O quente e o frio. A delicadeza dos cílios, a fina flor do querer, dos lábios, olhares que se tocam. Tudo é sublime e raro pois vivemos todos os dias, morremos uma só vez. Tudo está no caminho, do despertar até ao anoitecer da vida. Encerro com um texto de Gilberto Amado, leitura de cabeceira, com meu desejo de um lindo ano novo. Eis:

"Agradeço aos poderes divinos me terem dado boca para gostar de água e de sabão, nariz para fungar o bom perfume e fugir do mau, mão para pegar em dorso de livro e em rosto de criança, pernas para caminhar muito, noite adentro, em conversa muda, ou mesmo bradada, com as árvores, com as casas, com as coisas... Enfim, o dom de viver com simplicidade, de encontrar dentro de mim, mesmo no maior deserto moral, na solidão do espírito, o bastante para me fartar".

Crônica

A Lua nos olhos de Sofia

Loreni Fernandes Gutierrez
Cadeira nº 19



Nasceu num domingo ensolarado, no início da primavera. Deram-lhe o nome de Sofia. Gente nova na casa, lua nova no céu. O berço, entalhado, foi colocado junto à janela, para que a menina recebesse os primeiros raios do sol. Então as cortinas se fechavam. Dias depois, através dos vidros da janela, seus olhos espertos miraram na Lua, esplendidamente cheia, brilhando no céu. E a Lua também a viu. Os pais, que jantavam na sala, tiveram a sensação de um riso. Mas, na casa, somente eles e Sofia. Assustaram-se ao chegar no quarto da filha. A menina irradiava, iluminada pela Lua, admirando-a, a sorrir. Aliviados, sorriram também, cerrando depois as cortinas. E todas as noites Sofia olhava para a Lua – e a Lua olhava para Sofia, mas logo as cortinas se fechavam. Com o tempo, aprendeu

que a lua nem sempre aparecia, encolhendo-se algumas vezes, reflexiva, ou brincando de esconde-esconde nas nuvens. Achava que as estrelas eram os olhos do céu. Um céu de muitos olhos, sempre a piscar. Então foram nascendo os irmãos: Carolina, Guilherme e Mariá. Mas a sua cama permaneceu junto à janela. E a Lua prateada permaneceu no céu. Nas minguantes e novas, suspirava de saudade. Nas crescentes e cheias, irradiava-se de luz. Algumas vezes os irmãos a viam, toda iluminada, feito um facho incandescente, brilhando cada vez mais. Disputavam com ela a janela, também queriam brilhar. A solução era o quintal, para onde corriam todos. “O que você vê na Lua?”, perguntava Mariá. “Eu tenho uma casa lá”, respondia-lhe Sofia. E ali eles ficavam admirando o céu. Mas logo os pescoços do-



íam e iam dormir. A primeira redação de Sofia foi a melhor de todas, na escola, autointitulando-se a filha da Lua, irmã das estrelas e prima do sol. Enveredou-se nos estudos dos astros, encantando-se a cada descoberta de uma nova estrela ou de qualquer outra novidade no céu. Acreditava em disco voador e na existência de vida noutros mundos. E os irmãos também passaram a crer. Vivia com os pés na terra e os pensamentos no céu. Os pais achavam-na diferente dos outros filhos, compenetrada ora nos livros ou sempre buscando alguma coisa, à noite, no infinito. Mas fora isto, tudo normal.

Foi Mariá quem notou uma luz intermitente nos olhos de Sofia, comparando-a com o lusco fusco de um vagalume. Mas nada falou aos pais, procurando apenas, nos próprios olhos e nos dos irmãos, a mesma luminosidade. Piscava às vezes diante do espelho, ininterruptamente, a ponto de preocupar a mãe. “Estou vendo o brilho dos meus olhos, mamãe”, dizia a pequena. Mas não brilhavam como os de Sofia. Crescendo, as três irmãs dormiam juntas. Sofia, após viajar com seus olhos pelo infinito, gostava de ler. Mas as irmãs queriam dormir. Esforçou-se para ler na penumbra, surpreendendo-se, ao conseguir. A partir de então caminhava no escuro, enxergando tudo ao redor. Saía à noite pelos arredores da chácara, furtivamente. Encantava-se com as estrelas do céu, olhando a Lua, com amor. Resplandecia-se nas crescentes e cheias, admirando as minguantes e novas, intituladas, pelos irmãos, de queijo partido. Do outro lado da Terra, certamente estava o seu primo: o Sol!

Numa noite sonhou que lhe roubaram a Lua. Seus olhos, aflitos, percorreram o universo, procurando-a. Mas nunca mais a viu. A Terra, antes prateada, tornou-se para sempre escura, feito um breu. Debruçou-se no parapeito da janela e chorou. Todos da casa acordaram com o seu choro. Mas a Lua estava lá, brilhando altiva, ladoada pelas estrelas. Finalmente, os quinze anos de Sofia! Mais uma primavera, mais uma noite de Lua cheia. Linda, de branco, apagou as velas sob a luz do luar oferecendo, à madrinha do céu, a primeira fatia de bolo e servindo, em seguida, a mãe e Mariá. Então, algo surpreendente aconteceu. Sofia foi se iluminando por inteiro e, sorrindo para a mãe, subiu aos céus, feito um anjo. Todos a viram subir! A mãe, assustada, manteve os braços abertos, exclamando apenas: Meu Deus! Meu Deus!

Muito se falava na jovem Sofia que, levada para os céus, transformar-se-ia numa linda estrela. De fato, um novo astro, com um brilho insofismável, surgiria logo depois no cosmos, sendo alvo de pesquisas pelos amantes das estrelas. Sofia era um anjo! Diziam todos. Mas a pequena Mariá, que adquirira o mesmo gosto de Sofia pelos mistérios do infinito, afirmaria sempre que ela apenas se mudara para a Lua, porque tinha uma casa lá.

A partir de então, nas noites de Lua cheia, todos daquela região olhavam para a Lua com a sensação de que ela lhes sorria, a brilhar. Mas a família de Sofia, especialmente Mariá, tinha plena convicção desse sorriso. Era tão somente o brilho da Lua nos olhos de Sofia.



Poesia

Angelo Soares Neto
Cadeira nº 23

Do livro **Cabeça de vento**

Poucas palavras

Trago meus segredos
em fios de seda amarrados no fundo da garganta
para não se perderem por aí, banalizados.
Não são tantos assim os meus segredos, mas sérios,
como gostar de alguém que não me gosta.
Posso ser motivo de risos escondidos, de farsas,
gente gosta de rir do acontecido, das desditas,
podem até ter pena de mim por meu gemido.
Palavras morrem dançando
na boca dos menestréis, por isso calar é santo,
por isso sorrir é belo.

Do livro **Entreanos**

Caminhada

Alguma coisa viaja
em olhos que mudam:
cenas, trajetos, percepções,
pedaços de estradas
escavadas por pés de poeira.
Mesmo a saudade, afogada
em espera,
onde a raiz vira ranço
por tanto choro.
Mundo são olhos que ouvem
e sentem cheiros.
Os meus são pássaros molhados.

Do livro **Amantes infiéis**

Quinto poema para a mulher amada

Convivo bem com o teu rosto cansado
pois tuas rugas ligeiras me lembram paixões intensas
de alguns instantes atrás.
Te vejo sempre nua na tua beleza guardada,
pura nesses meus olhos de beijar estrelas
que deixo sempre iluminados,
faróis dos amores que sorriram comigo,
doces achados,
lembranças daqueles que vivendo nunca se calaram.
As semelhanças que me fizeram crescer um qualquer tanto
vão caminhando sempre comigo, lado a lado, sempre acreditando,
sempre num querer comprometido.
Encosto a minha mão na tua com um tremor gravado
e vamos devagar, aos poucos nos cumprindo,
tirando ainda algumas lascas do caminho, limpando cercas,
bordando nossos bordados,
entendendo que são uma só as mãos que nos amarram,
face e contraface suaves de um só traço
que nos espelho da vida só se completaram.
Cúmplices, amigas, cruzadas
em carinhos imensos que só nós sabemos
bem fundo em nossos guardados.
Só por isso
o meu olhar mora no teu
e aí descansa.



Silêncio

A distância entre nós
era de uma palavra apenas,
a que não foi dita.
Até hoje
na minha garganta e na tua
mora a expectativa.



Poesia

Nidia Puig Vacare Tezine

Cadeira nº 23

Girante

Gira gira
vira vem
vento ventoinha
ignomínia minha
da vela, vela a velejar

Esperneio no ar
chamo a brisa

Triângulo do mar
sopra, esbraveja
acena e tremula

Deus, adeus deusa
Dê-me paz, dê-me!
Dê-me a imagem
a triagem dessa flâmula
ângulo astuto da trindade
divindade etérea e térrea
da minha idade
cidade de minha alma
vila velha da metrópole
da minha vida
vivida, vinda
e
i d a ...

Ser hei

Em som sonho
sem nunca ver
Sempre
viver o nada
o estranho
vazio do inteiro vir
Venho
nunca
nem sei
Bem fui do bem mensageiro
puro interlocutor de um autor
onde atuo e intuo
emoções e explosões
oriundas das possíveis
 vaidades profundas
nuas, sem show,
espetáculo das ruas
das vidas das imagens

Caleidoscópio misantropo
mistura todo o pouco
do muito do rico lixo
do meu ser

Alfaias

Deixo apenas o que já fui...
Sem futuro,
somente essência,
contrita na história que herdei
concisa na que escrevi
esperando leitores
ansiando alguns viventes
talvez um tanto dolentes
repletos de entrelinhas
à espera de vírgulas, pontos
tons e semitons.

Anseio em mim
o que já não é meu;
dou de mim o que
também já não me pertence

O livro da vida perde a capa
reescreve o texto,
com outros coautores
com novos olhares
novos dizeres
novas pausas...

Nido

Al mar el sonido
el camino de mi nido
entre formas de vivir
de la ola al aire
del hoy al porvenir

La pluma que escribe
empuja la letra,
el pensamiento y hasta la vez,
la siempre única vez,
aquella que sobrevive

Céntrico cerebro humano
añade el amor, el daño
el sonido, la poesía
Pon en mi nido
el calor, el alimento
de todo mi pensamiento

Dame la naturaleza
La madre de las tormentas
El padre de los embrujos:
La explosión del arte



Poesia

Patricia Reis Buzzini
Cadeira nº 23

Seguimos juntos

Apesar das pulgas alojadas
nas camadas de nossas armaduras
consumidas pelo tempo
Seguimos juntos

Apesar dos caciques domésticos
escravizados pela ilusão de controle
e canibalismo mental
Seguimos juntos

Apesar dos títeres de marfim
cobertos de ouro maciço
para esconderem o vazio de seus interiores
Seguimos juntos

Não é por acaso que os sinos dobram
Ao som dos ventos do norte

Sopa quente

No prato de sopa quente
de legumes variados
meias-palavras
subterfúgio

Na sopa quente do prato
de contornos variados
vozes veladas
coação

No prato quente de sopa
de temperos variados
punhos cerrados
fleuma

Parece sopa
mas queima



Komoidia

Nas sombras da caverna
a fogueira ofusca as lentes
mientras la luz externa ressalta
o fascínio das correntes

Umbral de consciência
Insaciedade
Banalidade
Sobrevivência

Entre o visível e o invisível
amos high-tech ruminam
o lodo de ideias demolidas
em comédias dionisíacas

Suntuosos espetáculos
máscaras e cantos satíricos
saúdam alegremente
o bode da vez



Poesia

Cleber Junio Falquete
Cadeira nº 13

Coroa de Cristo
espetai-me o veneno
dos testículos do leão

para sobreviver sem o feno
a esse longo período
de espinhos em floração.

No jardim das batalhas
na eterna guerra
da pedra contra a terra

as recordações amorosas
regam o silêncio (nome & sangue)
das rosas devotas.

Colhendo pequenas flores
de silêncio
no vasto deserto do som
harmonizo um sonoro buquê
das palavras
mais cactaladas.

Chuvas de verão festejam
sobre o telhado
de um mausoléu
o eterno ciclo indolor
– queda & ressurreição –
das águas do céu.

Dormes no crepúsculo vivo da pele.
Contemplas o vento sanguíneo da noite.
Tremes à brisa no deserto do pesadelo.
Acordas lacrimejando o suor da manhã.

Poemas do livro
**Colhendo pequenas flores
de silêncio no vasto deserto
do som** (Editora Penalux)

Na ceia de todas as manhãs
o trigo se confessa com o pão.

O jejum de sangue aos domingos
sangra as fomes da semana.

Na missa das águas, o louvor da sede.
Na páscoa do mar, *le silence éternel*

No incêndio dos versos
entre fogo & fumaça

a brasa da imagem
acende o poema.

Cães ladram-me o sono.
Eles querem os ossos
enterrados no dono.

Uma orquídea do mar irrompe
No deserto de meus ossos

Suas pétalas de água perfuram
Minha arenosa consciência

Singrando a pele sangrando sal
Ela busca suas raízes marinhas.





Poesia

Lorení Fernandes Gutierrez
Cadeira nº 19

A um Sol amigo e tão antigo

Acordem, almas indolentes!
E abram suas alas para um Sol nascente
A suspirar por um sorriso, ardentemente...

Suntuosa bola incandescente
Que ao despontar no horizonte faz-se o dia
Ofuscando os astros do infinito
Tão distantes a admirá-la
Com medo de suas fornalhas.

Labaredas avermelhadas e fluorescentes
Esparramadas no leito do mar,
Tão mais belas e nítidas quando um sol poente
Mornas e já cansadas de brilhar.

Não o invejo, Sol amigo e tão antigo,
Observador incansável do universo
Só porque tenho uma existência pequena.
Vivê-la, ainda que fugazmente, vale a pena,
Tendo uma alma grande e serena.

Um dia margeari com minhas asas as suas chamas,
E me agregarei aos astros do céu para admirá-las
Mas não terei medo de suas fornalhas.

E aqui você ficará, ardendo eternamente,
Aquecendo a terra dos homens
E o coração de toda gente.





Poesia

Vera Paraboli Milanese
Cadeira nº 32

Choro

Engole esse choro
dizia o pai.
E ela, assustada e pequena,
sentia, chorosa,
o salamargo das lágrimas.
Rio do avesso
voltando ao mar.

Meditação

Tigela tibetana afinada
Badalada: timmmm, timmmm, timmmm

Sons na caixa torácica,
onde o ar abre caminhos
nas artérias, nas teias,
nas veias.

Ondas do mar indo e vindo,
morrendo e nascendo na areia
da minha mente quieta.
Absolutamente quieta.

Raios de sol clareando,
vento cantando.

E, finalmente, um pequeno gesto,
uma delicadeza.

Ofício de poeta

Acordo cedo.
Recebo, na pele, a luz do dia.
Lá fora, alguém já forja o metal.
Aqui dentro, as palavras me forjam:

Passeiam vagorosamente
pelo meu corpo.

Engolem verdades,
mastigam certezas,
modelam-me o chão.

E eu, que quero escutá-las:
faço silêncio,
abro os olhos,
afino os ouvidos.

E me lanço em busca da forma perfeita,
a forma ideal.
Aquele que será, finalmente,
Amor em mim!

Literatura

O livro – objeto de desejo e prestígio

Rosalie Gallo y Sanches
Cadeira n° 29



Ilustração da época com Gutenberg.

Fonte: <https://www.geo.fr/histoire/gutenberg-portrait-de-celui-qui-a-revolutionne-limprimerie-203913>

Não raro nos deparamos com um livro citado na literatura ou como um objeto retratado nas artes. Também não raro é encontrar para esta figura simbólica um uso original, como o caso de um banco em uma praça da Bulgária e que, como outros similares, foi amplamente divulgado nas redes sociais. Mais frequente que esta tentativa de estímulo à leitura é a prática de se deixar sobre um banco um livro “esquecido” para o próximo leitor.

O livro, como se o conhece hoje, acessível à maioria das pessoas, sempre foi objeto de desejo e status. Tem-se notícia de livros impressos na China e no Japão há cerca de mil anos. O Ocidente, entretanto, veio a conhecer o produto com o formato atual muito mais tardiamente, há mais ou menos 500 anos. Das tabuinhas de barro co-

zido da Babilônia e na Mesopotâmia o livro evoluiu, no Egito para o uso do papiro, uma planta ribeirinha do Nilo, cujo rolo se pode ainda ver em museus e cujo uso perdurou por séculos.

Quando o Império Romano dominava o mundo conhecido foi introduzida a pele de carneiro, bezerro e cabrito, o conhecido velino, um fino pergaminho com o mesmo formato de rolo egípcio, o que facilitava muito a escrita.

O formato que hoje conhecemos apareceu por volta de 300 d.C., quando os romanos descobriram que podiam dobrar o velino, costurando-o: eram os famosos códices. Muito mais tarde o tempo proporcionaria às mulheres tal direito de conhecimento, dotando as poucas leitoras do halo mágico do poder de sedução pela sabedoria.

Em **A Divina Comédia**, especificamente no **Inferno**, Canto V, Dante projeta as figuras de Francesca e Paolo destinados ao círculo infernal pela luxúria e adultério cometido (eram cunhados!), enlevados pela leitura do amor cavaleiresco de Lancelote e Ginevra. Tal passagem foi e tem sido retratada por muitos pintores como Ingres, Feuerbach, Gustave Doré, Koch, Cabanel.

Em 1456, com Gutenberg, na Alemanha, o livro tornou-se algo menos inacessível (pode-se dizer!), sendo encontrado nos lares burgueses cujas donzelas buscavam prestígio e um casamento nobre que completasse o gordo dote. Se somente aos homens era dado o direito de saber fazer contas e ler, esse direito negado às mulheres passa a fazer parte do imaginário e da realidade das jovens. Era chegado o tempo para as mulheres, portanto; era chegada a oportunidade de a mulher entrar em contato com o mundo da informação e da fantasia. Afinal, nos primeiros anos após a impressão da Bíblia de Gutenberg, foram impressos cerca de 30 mil volumes, a maioria a serviço da Igreja.

Moisés havia recebido de Deus o **Decálogo**, em forma de livro. Os judeus sempre oraram, no Ano Novo, para que Deus inscrevesse seus nomes no Livro da Vida. Na Idade Média, somente os copistas tinham o privilégio de conviver com livros raros e iluminuras fantásticas aos quais dedicavam toda a vida. O mundo moderno revoluciona a realidade; traz à humanidade a facilidade da impressão em massa, com cópias mais rápidas que as até então feitas à mão.

Nas Artes, o livro começa a ganhar projeção, comprovando sua ascensão social *pari passu* com a burguesia. Exercendo forte atração sobre as donzelas, o livro tornou-se um simulacro que perdura até os dias de hoje em suas mais diversas formas. Pintores de todos os países renderam-se aos encantos e ao fascínio do livro sobre as pessoas. Um dos quadros mais delicados que me vem à memória é **Moça com livro**, do bra-



Moça com livro, de Almeida Jr. (domínio público).

sileiro Almeida Júnior. Com o olhar perdido no espaço a protagonista demonstra como o livro nos tira da realidade que nos cerca e nos transporta a outros rincões. Outras variações podem ser apreciadas: Knut, William Oliver, Knoop, Carl Spitzweg, Rockweel e outros engrossam as fileiras dos pintores sobre livro e seu fascínio sobre as pessoas. A representação temática não se limita à pintura; a fotografia e a escultura retratam muito bem esse poder livresco.

Qual não é, pois, o papel fundamental do livro senão o de nos levar para onde nossos sonhos possam virar realidade, um lugar que possamos frequentar com mais avidez porque nele vivemos de forma mais intensa?

Não importa se encarnamos Paolo ou Francesca, se nos identificamos com a moça anônima retratada por Almeida Júnior, se nos deixamos levar pela fantasia, sentados em um banco de praça onde nos amalgamamos com letras ou mergulhamos na leitura do livro “esquecido”. O livro sempre será, em papel ou e-book, a ponte de transporte para a outra realidade, aquela em que nos sentimos inteiros, capazes, fortes, invencíveis. Afinal, a sabedoria traz força. Quem lê que o diga!

Literatura

Dom Quixote e os poderosos

Romildo Sant'Anna

Cadeira nº 01



Dom Quixote é um dos romances mais estu-
pendos da arte literária. Perfeito na imperfeição,
é jocosos e tristemente humano. Narra a história
dum fidalgo de aldeia que, de tanto ler fábulas
de cavalaria, imagina-se, ele próprio, um cava-
leiro andante. E, no frenesi dos delírios, sai em
socorro dos aflitos e injustiçados. Seu escudei-
ro, o lavrador Sancho Pança, é seduzido pelas
desventuras e aventuras daquele seralém do
tempo.

Na segunda parte (1615), Quixote e Sancho
chegam a um castelo. Como os moradores do
lugar já o conheciam por haverem lido a primei-
ra parte (1605), pregam-lhe todo tipo de troças e
gracejos. No entanto, como não via nas pessoas
um til de maldade, imagina que as afrontas e es-

cárnios o homenageavam. Em dado momento,
um duque oferece a Sancho uma ilha para gover-
nar. Com nobreza de espírito, o cavaleiro andante
exorta o companheiro sobre como ele deveria se
portar como governante (parte II, XLII).

Foram muitos os conselhos e, mesmo ante a
natural rudeza de Sancho, pôs-se a alertá-lo so-
bre os ambiciosos que corrompem e os secretá-
rios lambe-botas que cospem nos velhos amigos
e se cercam dos medíocres pra não haver con-
corrência. Os postos maiores – medita – não são
senão um balde cheio de mesquinhos interesses.
Previne-o de afastar-se dos venais e burocratas
mandões, e nunca usar o bem comum em bene-
fício próprio. Pois se isso é atributo dos honestos,
mais seria de alguém no cargo de governador.

Em tradução livre, apresento alguns
preceitos ditos a Sancho Pança. Como re-
cados da ética e adornos da alma, alertam
aos que exercem funções públicas, dos
alvores do Séc. XVII, quando a obra foi es-
crita, aos dias atuais. E ensina que deve-
mos aprender a governar a nós mesmos
antes de mandar nos outros.

*“Nunca te guies pela lei do arbítrio,
que costuma ter cabimento entre os ig-
norantes e presumidos. Ache em ti mais
compaixão as lágrimas do pobre, porém
não mais justiça que as informações do
rico. Procura a verdade por entre as pro-
missas e oferendas dos políticos, como
por entre os soluços insistentes dos de-
safortunados. Quando tiveres que julgar
alguém, não descarregues todo o rigor da
lei sobre o delinquente, pois não é melhor
a fama do juiz rigoroso que a do compas-
sivo. Se acaso fizeres concessão ao próxi-
mo, que não seja com o peso da dádiva,
mas do bem-querer. Ao que castigares
com obras, não o trates mal com palavras,
pois basta ao infeliz a pena da amargura,
sem o acréscimo de outros suplícios”.*

Dom Quixote, encarnação da beleza,
confunde-se com Miguel de Cervantes; fan-
tasia e realidade se juntam. Um nasceu para
as páginas do livro; o outro para escrevê-lo.
Talvez tenham sido loucos-gênios ou gê-
nios-loucos. Pouco importa. Seguem visio-
nários, a abastecer-nos de sonhos sobre as
virtudes da existência. E nos tornamos um
pouco melhores nos traiçoeiros enredos do
destino.

Literatura

Guimarães Rosa: excertos

Wilson Daher
Cadeira nº 09



Sempre gostei de Guimarães Rosa, mas confesso que me tornei um viciado em sua obra, coisa que se acentuou com a reclusão devida ao Covid-19. Como sua obra maior – **Grande Sertão Veredas** – se tornou minha Bíblia noturna, continuo degustando-a pela terceira vez, pois a cada leitura se abrem novos horizontes de compreensão, sensações e sentimentos. Grandes críticos da literatura brasileira, como Antônio Cândido, Alfredo Bosi e Fábio Lucas são unânimes em afirmar que ler **Grande Sertão Veredas** é uma aventura sempre renovada com novos olhares, pois na verdade eu a entendo como uma leitura subjetiva, já que o universo sertanejo descrito pelo autor, no longo monólogo de seu personagem principal, Riobaldo (mais de 500 páginas) não é

visto sob uma visão puramente descritiva. Elementos caboclos sob o prisma da sociologia, da psicanálise, da filosofia e da religião contidos na obra, indicam a sólida formação do escritor em áreas tão diversas.

Muitos que estejam lendo este artigo devem conhecer algo sobre o tema do livro. Ao mesmo tempo em que mostra o sertão do norte mineiro, vivido pelo embate entre grupos de jagunços atrelados a um ou outro grupo político, sempre corruptos como hoje, mostra também estes grupos perseguidos pela polícia. Mas Rosa não se debruça apenas sobre este regionalismo mineiro da época dos jagunços. O amor reprimido de Riobaldo pelo personagem Diadorim, que só ao final do romance se desvenda como uma mulher,

evidencia o contraste mais que compreensível, hoje, entre a macheza do jagunço em estado bruto e suas tendências homo ou bissexuais, geradoras de um inevitável conflito interior ante a “vergonha” de tais sentimentos.

Como não é possível me estender na descrição de tão vasta obra, pensei em mostrar alguns excertos na fala de Riobaldo, o que talvez possa representar aquilo que eu disse antes: Rosa possuía um vasto conhecimento da natureza humana em todas as suas dimensões.

Logo nas primeiras páginas desta obra, encontramos uma afirmação de Riobaldo, muito conhecida, dizendo que *viver é muito perigoso*. Não podemos estranhar esta fala para quem sempre viveu no sertão bruto, mas entendemos a continuidade disso quando o ouvimos dizer que *o sertão está em todo lugar, que o sertão é do tamanho do mundo*, e é tão bruto que *“é onde manda quem é forte, com as astúcias, Deus mesmo, quando vier, que venha armado”*. E uma retórica muito forte, que vai abrindo caminho para a compreensão dessa história que nos surpreende cada vez mais, enquanto os fatos se delineiam. Como no caso de perceber e sentir que o jagunço que é voltado para matar sempre que necessário é, ao mesmo tempo, devoto a Deus e inseguro ante a dúvida da existência ou não do Cujo (o diabo) amedrontador. *Deus é paciência, o contrário é o diabo. O senhor não vê? O que não é Deus é o estado do demônio, Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver*. A sensação que tenho ante estas colocações “jaguncianas” é de estar sendo cobrado pela esfinge mitológica: *Decifra-me ou te devoro*.

Heráclito, filósofo grego pré-socrático, definia a vida como em permanente movimento, querendo afirmar com isso que nada é estático, nada permanece, mas tudo é mudança a cada segundo que vivemos:

“Ninguém se banha no mesmo rio duas vezes na vida” era seu aforisma que demonstrava

esta mudança contínua de nosso Ser, sempre em movimento. E observamos isso em Grande Sertão, quando Riobaldo, em certa fase do longo monólogo com seu ouvinte diz que *um rio é sempre sem antiguidade*. Este conhecimento caboclo, de tanta profundidade reflexiva, saído da pena de Guimarães Rosa, tanto pode ser uma sacada pessoal, quanto uma interpretação baseada no conhecimento dos pré-socráticos. Que o rio se renova em corrente contínua, como o Ser de cada um de nós. E esta mensagem é reforçada mais adiante: *O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim, esquentada e esfria, aberta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem*.

Sendo curto o espaço de que disponho para tão vasta obra, vou me dedicar apenas a mais dois trechos do monólogo de Riobaldo, pleno da sabedoria Roseana, projetada no personagem: *Porque quando se guarda raiva de alguém é a mesma coisa que se autorizar que essa própria pessoa passe o tempo todo, governando a ideia e o sentir da gente*.

G. Rosa passou um bom tempo convivendo com tropeiros e suas vaquejadas, percebia o universo singular dessa gente, percebia neles a sabedoria cabocla que o fascinava. O aforismo acima é uma prova disso. Talvez por isso, é que ele coloca na voz de Riobaldo que *mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende*. Muito, mas muito mais teríamos a comentar. Como isto não é possível neste espaço, finalizamos com a chamada de atenção, novamente, do drama individual vivido por Riobaldo pelo sentimento que ele não consegue evitar, em relação a Diadorim. Um amor de verdade, mas que tem que se manter velado:

Diadorim, dois olhos verdes semelhantes, grandes, os olhos nossos donos de nós dois.

Não sei se gostam ou não de Guimarães. Mas como dizia Riobaldo, *pãos ou pães é questão de opiniões*. Travessia.

Pandemia

Um lampejo epifânico (Post Coronavírus)

Eudes Quintino de Oliveira Junior

Cadeira nº 26

Falar sobre a pandemia, um tema tão abrangente quanto sua nocividade sem limites, carrega uma carga de dificuldade para aquele que aceita o desafio e fica meditando para saber quais aspectos serão abordados no texto. Quanto mais amplo o tema – constatação errônea se considerada vantajosa – mais o autor tem que delimitar seu foco, acomodá-lo com toda segurança e fazer com que as paralelas corram para ele. Conseguir encontrá-lo é como ter à sua disposição a tábua de salvação após soçobrar em alto mar. Agarro-me a ele, portanto, com todas as forças. É a regra.

Assim é que – expressão que denota a segurança do autor em ter encontrado seu foco – vislumbro um assunto observacional que me chamou à atenção. Justamente naquele período em que o pensamento fica absorto à espera de algum acontecimento. Pelo que constatei, e a corrente mundial segue a mesma esteira, as pessoas já não serão as mesmas após a pandemia, embora o mundo continue com seu movimento normal. Mas ele é somente o palco, um espaço físico. Esta mudança repentina, tão séria e inesperada, em razão de uma guinada fora de qualquer previsibilidade, ao que tudo indica, apesar de todo sofrimento que afligi, vai pender para o lado bom. E aí que está meu achado, meu momento de criação, meu lampejo de inspiração que foi captado de cuidadosas observações, num legítimo processo epifânico de Clarice Lispector.

Quando se fala em pandemia a conversa se torna universal, assim como todas as pessoas

passam a pertencer a uma grei única e, cada uma no seu isolacionismo, vai buscar novos caminhos. É como se fosse uma chamada de consciência comunitária. O procedimento inicial é igual para todos: as pessoas são retiradas da sua convivência normal e isoladas para, na sequência, iniciarem a hibernação em busca de seu espírito crítico. A resposta comunitária, que conta com adesão da maioria, é no sentido de que a vida precisava de alguns reparos. Não que fosse inadequada, mas a desagregação de cada um, e aqui sem qualquer culpa do coronavírus já que anterior a ele, foi aumentando e distanciando cada vez mais as pessoas.

E agora, por incrível que pareça, o isolamento pede a participação comunitária. Acabou a brincadeira de esconde-esconde. Agora é mãos dadas, olhos nos olhos, cara a cara. Intimidade extremada. Machado de Assis, em seu romance **Quincas Borba**, recomendou mais. *“A expressão: conversar com os seus botões, parecendo simples metáfora, é frase de sentido real e direto. Os botões operam sincronicamente conosco; formam uma espécie de senado, cômodo e barato, que vota sempre as nossas moções.”*

Aí é que me localizo e olho para fora e vejo o mundo paralisado, como se uma engrenagem houvesse se soltado. Olho para dentro e dou de cara com um mundo estranho e conturbado, calibrado por sentimentos detonados por mensagens sem parâmetros por parte da mídia e do meu estreito mundo de comunicação. Ninguém entende nada. Verdadeira Torre de Babel. E nes-

ta louca incursão, quem sabe, encontro a minha verdade e posso reconstruir meu interior, colocar cada coisa em seu lugar e tudo em seu tempo.

Diante desta quase paranoica sensação de viver sem saber como viver uma vida enviesada e sem soluções aparentes, eu me instalo definitivamente como posseiro do meu interior e passo a quixotear comigo mesmo. É como um morrer fora do tempo e sair flutuando nas pesadas nuvens que cobrem o nebuloso céu. A única certeza é que a humanidade foi aturdida pelas tocaias e ciladas de um incipiente e indesejado vírus.

Perdido nos porões das minhas memórias, nem sei por onde começar a faxina, mas tenho consciência que nada pode ser jogado para baixo do tapete. É hora de devassar meu interior, vasculhar todos os pontos, retirar o pó que grassa sobre os pesados móveis, onde estão guardadas as lembranças, as desejadas e as indesejadas, e pinçar, no mais fundo, os invasores que lá habitam sem autorização, num verdadeiro processo de despejo coletivo. Como se fosse uma lavagem da alma, na mesma intenção que move as baianas nas escadarias. Assim consigo expurgar os fantasmas que, como ébrios, deambulam com insistência pelas minhas estreitas veredas, criando um verdadeiro labirinto de dúvidas e incertezas.

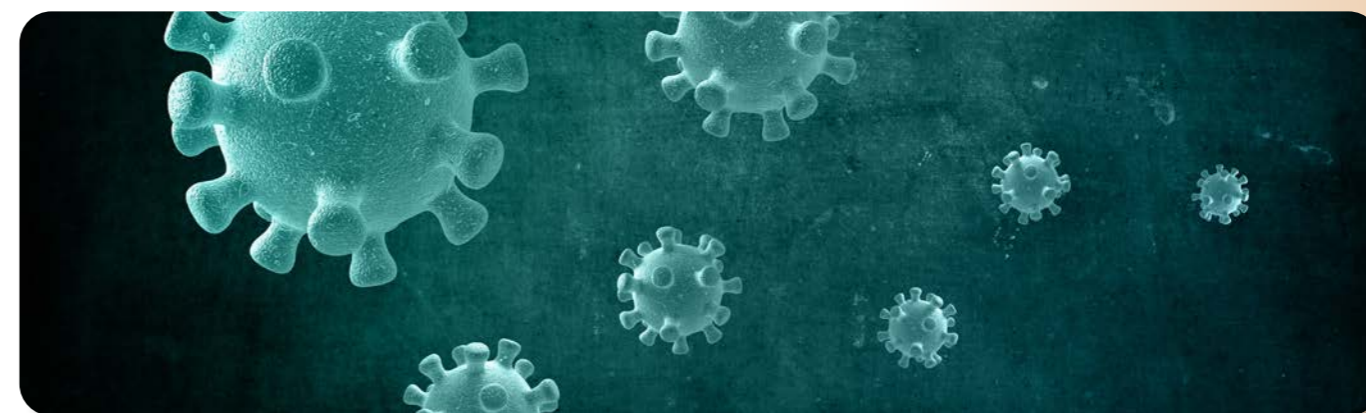
Vou, também, ajustar os ponteiros do meu emocional e racional. Estabelecer regras fixas para dividir o terreno de cada um, sem invasão. Apesar de os dois habitarem o mesmo espaço, terão tarefas distintas. O emocional passará por

uma reforma integral cujos cacos disformes serão encaminhados para restauração. Uma nova estrutura será edificada tendo como suporte uma sensibilidade que floresça sem provocação artificial, como foi direcionada pelo mundo digitalizado. O racional continuará sua tarefa, menos ridículo e mais sábio, calibrado pela precisão do pensamento ponderado e inteligente. Afinal, sou um homem emprestado para o mundo, mas me pertenco.

Feita a limpeza necessária nos desvãos de minhas memórias, vou emergir dos escombros, explorar meus sonhos, não como castelos utópicos que o passado sepultou, mas sim como promessas fertilizadas pela esperança, ajustar minhas balizas corretamente apontadas para a verdadeira mudança. O tempo que passou serviu de aprendizado e, daqui para a frente, cabe a mim fazer as podas de algumas distorções, sem transformar o mundo num clipe triste de uma crônica do coronavírus.

Apesar de constatar que os anos correram rapidamente, tenho tempo suficiente para procurar ver as boas coisas que a vida oferece com mais vagar. Vou colocar no meu espírito a tonalidade própria da minha mudança, temperando-a com moderação, harmonia e amor neste novo normal que se avizinha.

São estas as propostas que ofereço para a humanidade. Apesar de calcadas num lampejo epifânico, guardam a verdadeira mensagem de que a vida é bela e merece ser exaurida intensamente. Basta ter esperança e acreditar.



Pandemia

A evolução humana explica a Covid-19

Paulo Cesar Naoum

Cadeira 33



Há 70 milhões de anos, quando o processo de evolução dos primatas sofreu a mais significativa derivação morfológica em direção ao ancestral homínido comum, supõe-se que as radiações solares já os afetavam e as contaminações por vírus e bactérias já os infectavam. Muito tempo depois, há três milhões de anos, a derivação evolutiva fez surgir o *Homo habilis* que, na sequência milenar de transformações resultou o *Homo erectus* (cerca de 1,8 milhão de anos). O *H. erectus* se deslocava em bandos em busca de alimentos, o que também nos faz presumir que contágios por microrganismos infecciosos estimularam seus sistemas imunes ainda em formação. O desenvolvimento natural desta espécie

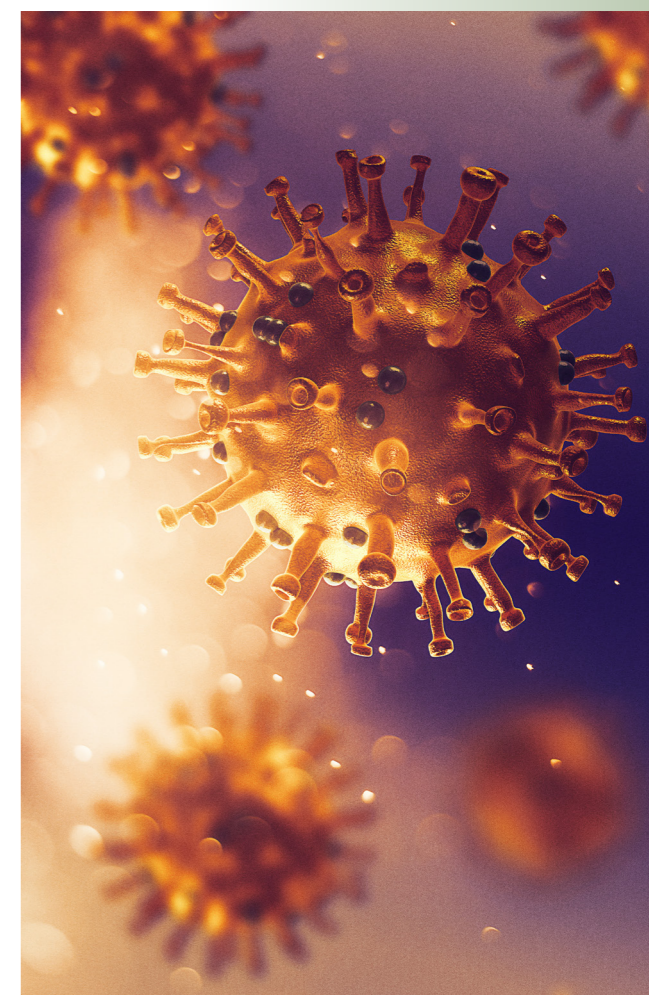
fez com que o cérebro se tornasse discretamente maior, modificando a linhagem evolutiva para *Homo sapiens* (cerca de 300 mil anos atrás).

Este progresso anatomofisiológico produziu a fala, a comunicação e a sociabilidade das pessoas com objetivos comuns. Entre 120 mil e oito mil anos atrás, os *H. sapiens* passaram a buscar alimentos em regiões diferentes aos de seus habitats, dispersando-se inicialmente da África para a Europa e Ásia, e depois para as Américas e Oceania. Os que se dirigiram para o norte europeu sofreram adaptabilidades genéticas que resultaram na diminuição de melanina devido à escassa radiação solar, fazendo com que suas peles ficassem mais claras, fato que não acon-

teceu com os que permaneceram na África. Os *H. sapiens* do hemisfério norte viviam mais tempo agrupados em cavernas para se protegerem dos invernos rigorosos e se especializaram em estratégias de sobrevivência, buscando outras regiões que tivessem água e alimentos em abundância. Estas buscas permitiram contatos com outros *H. sapiens* através dos quais se contaminaram com agentes infectantes, disseminando-os, em seguida, a membros de suas comunidades quando retornavam para elas, causando pestes e epidemias. Imagina-se que os sobreviventes desses contágios tornaram seus sistemas imunes mais resistentes e especializados.

O desenvolvimento humano ordenado surgiu há 3,5 mil anos, notadamente com as civilizações sumeriana, grega, egípcia e romana. Estas civilizações deram origens às comunidades organizadas em aldeias e vilarejos, também promoveram guerras com mais frequências e iniciaram a escravização dos vencidos, e na sequência dos fatos espalharam surtos epidêmicos de doenças infecciosas que dizimaram milhares de pessoas. Acredita-se, assim, que os sistemas imunes dessas civilizações aumentaram suas capacidades de proteção contra microrganismos.

Outras informações históricas de contaminações importantes ocorreram na Idade Média com as Cruzadas e com os descobrimentos das Américas e Oceania, dizimando milhares de nativos e tornando resistentes os sistemas imunes de outros tantos. Nos últimos cem anos aconteceram vários episódios de pandemias com destaque para a gripe espanhola (1918 a 1920), causada pelos vírus H1N1. Esta pandemia se alastrou entre os soldados que participaram da Primeira Grande Guerra e rapidamente infectou todas as regiões da Europa. Ao término da guerra, europeus imigrantes que fugiram da pobreza que avassalou o continente europeu difundiram o H1N1 para populações dos outros continentes. A recente pandemia da Covid-19 se deveu às intensas mobilidades



internacionais de turismo e negócios ocorridas entre os anos 2000 e 2019, dispersando diversos microrganismos e, em particular, o coronavírus SARS-CoV-2, cujo epicentro ocorreu na China. Comparando os efeitos da gripe espanhola, que matou 10% das pessoas dos 500 milhões de pessoas infectadas pelo H1N1 num universo mundial de 2 bilhões de pessoas, com a pandemia Covid 19, que matou 2,1% dos 200 milhões de pessoas infectadas até o momento, num universo de 7,5 bilhões de pessoas, conclui-se que a espécie humana é resiliente por suas propriedades orgânicas, intelectuais e organizacionais. Estas qualidades adquiridas ao longo da nossa evolução incorporam agora, os meios de defesas contra o coronavírus, e certamente a nossa “biblioteca imunológica” continuará crescendo e se especializando para vencer outros desafios.

Filosofia

“O mundo não é humano só por ser feito por seres humanos, e não se torna humano só por nele se fazer ouvir a voz humana, mas sim, e só, quando se torna objeto de diálogo (...) Só falando daquilo que se passa no mundo e em nós próprios é que o humanizamos, e ao falarmos disso aprendemos a ser humanos.”

O notável texto de Hanna Arendt, inserto em sua obra **Homens em tempos sombrios**, seria suficiente para despertar nos leitores a importância da comunicação dialógica.

Nosso artigo pretende expor o momento do nascimento do diálogo, seu esquecimento e seu ressurgimento. Pretende, ao mesmo tempo, explicitar as falsas roupagens que o desvirtuam e os mecanismos que o viabilizam.

Apesar de Sócrates, filósofo grego do séc. V a C., haver levantado a importância do diálogo como método de “ensino”, com conotações especiais impostas pelo grande filósofo, sabemos o quanto tal modelo de relação verbal entre os seres humanos ficou esquecido no transcorrer dos séculos. Mas, como num passe de mágica, a palavra diálogo ressurgiu. Uma notável novidade: solução para os mais diversos problemas, ainda que sem o conhecimento de suas exigências ou suportes.

E nós, como o concebemos? Nós o concebemos como uma conversa especial entre dois ou mais agentes humanos. Se dirigirmos nossa atenção às palavras que constroem a definição de diálogo antes exposta, podemos perceber o que é indispensável para a sua concretização. O qualificativo especial indica as condições essen-

Convite ao diálogo

Isabel Pimenta Hernandes
Membro honorário

ciais para que uma conversa possa alcançar o status de diálogo.

Precisamos, portanto, eliminar as máscaras que encobrem a natureza do verdadeiro diálogo, tarefa a que nos propomos logo a seguir. Não devemos deixar para depois o esclarecimento acerca da expressão “agente humano” e sua sinonímia, “sujeito e pessoa” pois, caso os interlocutores não sejam considerados como tais, isto é, como seres humanos com voz ativa, não será possível sequer o início de um diálogo.

A consideração anterior indica o caráter democrático do diálogo. Tal conversa especial exige para a sua concretização, antes de mais nada, respeito entre os interlocutores, independentemente do gênero, idade, das condições econômicas, políticas e sociais. Se, porventura, um determinado interlocutor for degradado à condição de “objeto”, “coisa” a ser manipulada por outrem, evidentemente o diálogo se romperá.

Podemos, a partir de agora, reconhecer tudo o que o diálogo não é: encontro-desencontro verbal entre pessoas portadoras de interesses diversos, inadequados à ocasião; injúria verbal manifestada por quem se considera autoridade; atitude condescendente para com alguém; discussão calorosa; simples aconselhamento; finalmente, também, não é um “bate papo” à mesa de um bar, por mais agradável que seja, mas com interlocutores saindo do encontro do modo como nele ingressaram.

A pergunta relevante no momento é: qual o método que deve ser empregado para realização



do diálogo? Respondemos que o diálogo deve desenvolver-se dialeticamente. Quer dizer, com o “acolhimento” e a problematização de opiniões antagônicas. Nossa crença no valor da explicitação de teses (afirmações) e antíteses (negações) é que nos permite conceber a possibilidade e a eficácia do diálogo. Conciliações ou sínteses que nascem, justamente, do pluralismo de ideias respondem pelo progresso intelectual e moral da humanidade.

Quanto ao espaço e ao tempo exigidos para realização do diálogo, é preciso considerar que ele não se realizará com tempo mesquinamente marcado e em locais inadequados. Finalmente, por que devemos dialogar e para que dialogamos. No caso de dúvida sobre a importância do diálogo, insistimos: dialogamos porque nasce-

mos necessitados do “outro”; apenas uma vã ilusão nos leva à crença da autossuficiência. Quanto à finalidade, acreditamos que o diálogo pode abrandar nossos sofrimentos, mudar o rumo de nossa existência, impedir-nos de cometer desastros.

Em nossas considerações finais, queremos esclarecer, mais uma vez, que para haver diálogo é necessário ser respeitado pelo outro e, ao mesmo tempo, autorrespeitar-se. Consideração que é tão bem ilustrada pelo sábio e santo Dom Helder Câmara, em uma de suas poesias: “Se és sincero e buscas a verdade e tentas encontrá-la como podes, ganharei tendo a honestidade e a modéstia de completar com o teu, o meu pensamento, de corrigir enganos, de aprofundar a visão”.

G

eologia

O rio não secou, por quê?

Samir Felício Barcha
Cadeira 05



Apesar da terrível seca que assolou nossa região, nossos rios não secaram. É bem verdade que suas vazões chegaram a um limite mínimo nunca antes registrado nos últimos 90 anos. Mas não secaram. Não secaram por quê?

De um modo geral podemos classificar os rios em dois grupos: os perenes – aqueles que não secam e mantêm-se correntes durante todo o ano – e os intermitentes, aqueles que secam durante uma fase do ano.

Os nossos aqui, são perenes. No período chuvoso, regalam-se com a água da chuva que engrossa seu caudal e, no período não chuvoso, buscam alimentar-se da água subterrânea, armazenada no subsolo, no interior das rochas, nos chamados aquíferos. O geólogo chama de fluxo de base essa

contribuição hídrica subterrânea. Quanto maior for o armazenamento subterrâneo, maior será a contribuição através desse fluxo de base.

É interessante notar que, mesmo durante o período não chuvoso de anos normais, os rios não sofrem drásticas mudanças no seu comportamento, de forma que sua vazão mínima não acarreta muitos transtornos à fauna, à flora e ao seu próprio deflúvio. Isso acontece porque a água subterrânea é capaz de manter suas características hidrológicas, embora em níveis mais baixos. Por isso, fala-se em vazão máxima e vazão mínima do rio.

Daí decorre a indagação: quanto de água existe no subsolo a ponto de manter o rio perene, mesmo através de severas secas como a que atravessamos?



A explicação é simples. O subsolo é constituído por rochas as quais, dependendo de sua origem, possuem pequenas fraturas ou pequenos poros. E, a esse vazio (fraturas ou poros), dá-se o nome de porosidade. Em uma rocha como a que existe no subsolo da nossa região (arenitos), a porosidade média é da ordem de 18-20%. Isto é, 18 a 20 % da rocha são representados por vazios internos que podem ser preenchidos por água. Assim, um metro cúbico de uma rocha, com porosidade de 18%, pode armazenar até 180 litros de água. Um km³ armazenaria 180.000.000.000 litros. Imaginemos nossa região, com muitos quilômetros cúbicos de rochas com 18% de porosidade, quanta água armazena? Se tomarmos uma faixa dessa região, com 100 x 100 km de comprimento e largura (do rio Grande ao Tietê e de Rio Preto a Taquaritinga), teremos uma área de 10 mil km². Considerando-se uma espessura média de rocha de 80 metros, chegaremos a um volume de 800 km³. Se em cada m³ armazenam-se 180 litros de água, quanto de água haverá em 800 km³? Um km³ corresponde a 1.000.000.000 m³. Logo, uma faixa de 800km³, armazenaria apenas 144.000.000.000.000 litros.

Essa área considerada aqui é apenas uma pequena porção de um todo que compreende nossa região maior.

Para se ter uma ideia da grandiosidade desses

números, faço o seguinte raciocínio: contando um número por segundo, em uma hora eu conto de 1 a 3600. Em um dia (24 horas), chegarei em 86.400. Continuando, sem parar, durante 1 mês, chegarei aos 2.592.000. Se continuar contando em um ano seguidamente, atingirei 31.104.000. Se tiver paciência e viver para tanto, em 100 anos contarei a bagatela de 3.110.400.000 (3 bilhões, 110 milhões e 400 mil).

Esse cálculo simplório nos dá uma ideia do que é a riqueza hídrica acumulada no subsolo.

Como esse fluxo de base está permanentemente alimentando nossos rios, estabelece-se um equilíbrio fantástico entre a recarga do aquífero, pelas águas das chuvas, e essa alimentação. Mesmo nas épocas de ausência de recarga (chuvas), o volume armazenado nas rochas é suficiente para manter o rio perene.

Quando ocorrem períodos severos de seca e a recarga deixa de existir, o enorme volume de água que as rochas armazenam é capaz de sustentar, como vem ocorrendo em nossa região, a corrente fluvial, embora reduzida, condizente do fluxo de base.

Por isso, em regiões onde o clima não seja árido ou semiárido, como a nossa, os rios não secam, embora suas vazões fiquem distante da normalidade.

E o rio não secou, eis o porquê.

Arte

Verdadeira tradução

Araguai Garcia
Cadeira 04



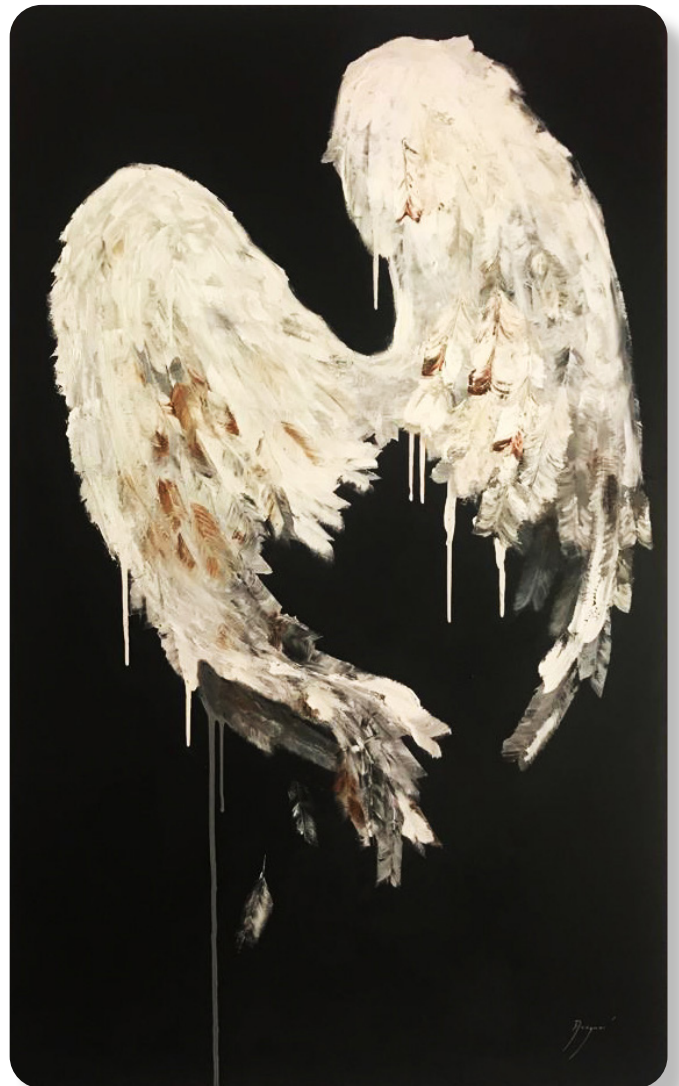
O que me leva a lembrar o poema **Traduzir-se**, de Ferreira Goulart, é a infinidade de ritmos e estilos que compõem aquilo que seria chamado de minha obra. Tantos efeitos e formas, as luzes e suas ausências.

Tudo isso resulta em um autorretrato, que se manifesta além daquilo que se esperaria de um roteiro, com a tal frustrante expectativa.

Sou como uma esponja que incorpora para si tudo o que encontra por onde passa. Que faz meu coração bater forte ou quase parar. E que, humildemente, ofereço àqueles cujos olhares estejam dispostos a sentir e traduzir.

Mas, quem, de fato, irá traduzir-me, será o olhar do outro. Pois meu olhar está, realmente, voltado para aquilo que vou imprimindo em meu caminho.



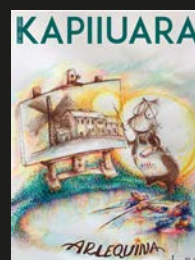
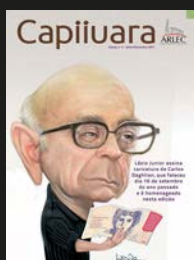
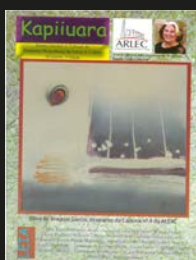


Relação de integrantes da ARLEC (julho/2021)

Em negrito: patronos atuais. Os demais: ocupantes de cadeiras cujos patronos faleceram.

1. **Romildo Sant´Anna**
2. Patrícia Reis Buzzini (Patrono: Alfredo Leme Coelho de Carvalho)
3. **Agostinho Brandi**
4. **Araguaí Garcia**
5. **Samir Felício Bracha**
6. **Cecília Demian**
7. **Salvatore D´Onofrio**
8. **Lelé Arantes**
9. **Wilson Daher**
10. **Maria Helena Curti**
11. Elma Eneida Bassan Mendes
(Patrono: Domingo Marcolino Braile)
12. **Jocelino Soares**
13. Cleber Junio Falquete
(Patrono: Zêqui Elias)
14. Norma Vilar
(Patrono: Antonio do Nascimento Portela)
15. Pérsio Marconi (Patrono: Edson Vicente Baffi)
16. **Luiz Dino Vizotto**
17. **Dulce Maria Pereira**
18. **vaga**
19. Loreni Fernandes Gutierrez
(Patrono: Alexandre Caballero)
20. Aguinaldo Gonçalves
(Patrono: Guillermo de la Cruz Coronado)
21. **vaga**
22. **Waldner Lui**
23. Ângelo Soares (Patrono: Jayme Signorini)
24. **vaga**
25. **vaga**
26. Eudes Quintino de Oliveira Júnior
(Patrono: Adib Abdo Muanis)
27. **Antonio Manoel Santos Silva**
28. **José Luiz Balthazar Jacob**
29. **Rosalie Gallo y Sanches**
30. **Humberto Sinibaldi Netto**
31. **Hygia Therezinha Calmon Ferreira**
32. **Lézio Júnior**
33. **Paulo César Naoum**
34. **Vera Márcia Paráboli Millanese**
35. **vaga**
36. Nídia Puig Vacare Tezine
(Patrono: Nivaldo Paschoal Carrazone)
37. **vaga**
38. **Paulo de Tarso**
39. **Araceli Chacon Sobrinha**
40. **Sônia Oliani**
41. Toufic Anbar Neto
(Patrono: Antonio Carlos Del Nero)
42. **Antonio Florido**
43. **Paulo Coelho Saraiva**
44. **Alberto Gabriel Bianchi**
45. **João Roberto Saes**

Aponte a câmera ao QRCode e leia a sua Kapiiuara predileta!



SCAN ME



SCAN ME



SCAN ME



SCAN ME



SCAN ME



SCAN ME



SCAN ME

Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

